

# Narrativas e a disseminação da economia de Israel Kirzner

Lucas Casonato<sup>1</sup>

## Resumo

Este artigo investiga como Kirzner conseguiu chamar a atenção da economia *mainstream* para o tema da atividade empresarial, embora seja um economista heterodoxo cujas ideias estão pautadas na metodologia particular da Escola Austríaca. Ao propor que parte da resposta está no emprego de elementos narrativos, o trabalho analisa a teoria de Kirzner e exemplos criados por ele. O artigo mostra como esta iniciativa tornou a teoria kirzneriana mais convincente, bem como permite caracterizar Kirzner como um “contador de histórias”. Os elementos narrativos identificados na obra do autor foram: (i) ilustração por casos fictícios (mas possíveis); (ii) possibilidade de análise exploratória; (iii) ênfase na ordenação lógica; (iv) adoção de mecanismos causais; e (v) espaço para generalização, mas sem garantir previsões. O trabalho conclui que esses aspectos narrativos estabeleceram um canal de diálogo para a economia de Kirzner, superando barreiras de comunicação oriundas de critérios de demarcação científica.

**Palavras-chave:** Israel Kirzner. Narrativas. Atividade empresarial.

## Abstract

This article investigates how Kirzner managed to draw the attention of mainstream economics to the theme of entrepreneurship, although he is a heterodox economist whose ideas are based on the particular methodology of the Austrian School. By proposing that part of the answer lies in the use of narrative elements, this work analyzes Kirzner’s theory and examples created by him. This article shows how this initiative made Kirzner’s theory more convincing, as well as allowing us to characterize Kirzner as a “storyteller”. The narrative elements identified in the Kirzner’s work were: (i) illustration by fictional cases (but possible cases); (ii) possibility of exploratory analysis; (iii) emphasis on logical ordering; (iv) adoption of causal mechanisms; and (v) space for generalization, but without guaranteeing predictions. This work concludes that these narrative aspects established a dialogue channel for Kirzner’s economics, overcoming communication barriers arising from scientific demarcation criteria.

**Keywords:** Israel Kirzner. Narratives. Entrepreneurship.

**JEL:** B31. B53.

## Versão submetida ao 49º Encontro Nacional de Economia

Área 1: História do Pensamento Econômico e Metodologia

### 1. Introdução

As formas de comunicação entre os economistas mudam ao longo do tempo. Depois das primeiras décadas no século XX, prezar pela demonstração da consistência lógica das teorias por meio do método matemático foi a linha de diálogo estabelecida pelo *mainstream*. Mais recentemente, esse grupo tem se apoiado na validação científica das teses econômicas a partir de evidências empíricas. A heterodoxia, embora também tenha por base os fenômenos econômicos experienciados, é ainda mais plural, englobando visões que se pautam em métodos distintos – aspecto que também ajuda a caracterizar diferentes escolas de pensamento.

---

<sup>1</sup> Professor de Economia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. E-mail: casonato.economia@gmail.com

Os meios de publicação também evoluíram na economia. A cultura de comunicação por meio de livros deu lugar ao aumento no número de periódicos especializados.<sup>2</sup> Isso fez com que houvesse maior controle dos próprios economistas sobre aquilo que publicavam, mas teses originadas fora dos protocolos dominantes passaram a ter menos oportunidades. Disso resultou a criação de periódicos ainda mais específicos, voltados a diferentes públicos entre os próprios economistas.<sup>3</sup> Na medida em que as diferenças persistiram, essas barreiras de diálogo podem ter induzido ao confinamento de ideias nos círculos formados por economistas voltados ao mesmo objeto de pesquisa e/ou que partissem de bases metodológicas comuns.

Apesar dessas diferenças, as abordagens econômicas giram em torno de relações de causa e efeito, compartilhando a necessidade de expressar os mecanismos de causalidade que compõem suas teorias. Assim, embora possam não concordar com os critérios de demarcação científica, diferentes economistas encontram lugar comum no uso de exemplos para ilustrar os determinantes de um fenômeno econômico.

Um tipo particular de ilustração é o emprego de narrativas, histórias que vão sendo contadas para invocar uma série de componentes, dar ênfase a uma parte deles, e mostrar como as relações ali existentes conduzem a um resultado específico. Logo, as narrativas são histórias contadas para destacar conexões dentro de uma sequência previamente estruturada de eventos (Morgan, 2017; Crasnow, 2017).

Um economista heterodoxo que procurou lugar comum para difundir suas ideias para o restante da profissão é o inglês, radicado nos Estados Unidos, Israel M. Kirzner. Este autor é reconhecido como um dos principais expoentes na reorganização recente da Escola Austríaca de economia na década de 1970 (Rizzo, 2002, 2014).<sup>4</sup> Abordagem que, segundo economistas associados a ela, teve grande prestígio até meados do século XX, quando então teria perdido relevância por ser considerada incapaz de contribuir com novo conhecimento para o avanço da teoria econômica, e quase desapareceu (Boettke, 1995; Vaughn, 1994).<sup>5</sup>

Para Boettke (1995), as ideias austríacas ficaram em segundo plano entre as décadas de 1950 e 1970 pela dificuldade de comunicação entre os seguidores da Escola Austríaca e os demais economistas. Essa barreira, que havia impedido a compreensão entre eles, não teria permitido que o restante da profissão apreciasse as nuances da teoria austríaca. Como se sabe, a maioria dos economistas da Escola Austríaca rejeita o uso de modelos matemáticos. Parte da

---

<sup>2</sup> Servem de exemplos algumas revistas e os respectivos anos em que tiveram sua primeira publicação: *Publications of the American Economic Association*, 1886; *The Economic Journal*, 1891; *Journal of Political Economy*, 1892; *The American Economic Review*, 1911; *Economica*, 1921; *The Economic History Review*, 1927; *The Review of Economic Studies*, 1933; *Southern Economic Journal*, 1933; *Oxford Economic Papers*, 1938; *The Journal of Economic History*, 1941 (fonte: <https://www.jstor.org/>).

<sup>3</sup> Servem de exemplos algumas revistas com as escolas econômicas associadas e os respectivos anos da primeira publicação: *Journal of Economic Issues*, Escola Institucionalista Original, 1967; *Journal of Post Keynesian Economics*, Escola Pós-Keynesiana, 1978 (fonte: <https://www.jstor.org/>); *The Review of Austrian Economics*, Escola Austríaca, 1987 (fonte: <https://link.springer.com/>).

<sup>4</sup> Kirzner é professor emérito da *New York University*, posição que alcançou quando da sua aposentadoria em 2000, depois de ter lecionado economia por cerca de 40 anos na instituição. Foi ali que concluiu seu Ph.D. em economia na década de 1950, para o qual buscou a orientação de Ludwig Mises da Escola Austríaca, após se ver convencido pelas ideias misesianas-austríacas (Boettke e Sautet, 2009). Foi também nessa universidade que Kirzner obteve apoio institucional para a tradição Austríaca, conseguindo criar um curso voltado à manutenção e disseminação das ideias desta abordagem (Rizzo, 2002, 2014). Por estes e outros motivos, Kirzner foi reconhecido como um dos líderes na recuperação da Escola Austríaca (Vaughn, 1994).

<sup>5</sup> O início da reorganização ocorreu em meados da década de 1970, impulsionado por fatores como: o falecimento de Mises em 1973, um de seus expoentes, suscitando novo interesse sobre suas ideias; a conferência de *South Royaltown* em 1974, para discutir o corpo teórico da Escola Austríaca; e, no mesmo ano, a premiação de Friedrich Hayek, outro de seus expoentes, com o Prêmio Nobel de economia (Vaughn, 1994). Depois desses eventos o grupo passou a ser denominado por alguns de “Escola Austríaca Moderna”, como em Vaughn (1994) e Barbieri (2008), o que pode fazer referência ao ressurgimento da escola. Mas, certamente, o termo também ilustra o fato de o grupo ter se estabelecido institucionalmente nos EUA, se organizando pela primeira vez fora da Áustria.

literatura econômica, como Jakee e Spong (2003), Douhan *et al.* (2007) e Korsgaard *et al.* (2016), apontou que Kirzner buscou por superar essa dificuldade no diálogo, afirmando que ele esteve voltado a levar as ideias austríacas para o restante dos economistas.

Comprometido em traduzir as ideias austríacas para o *mainstream*, Kirzner propôs uma teoria do processo de mercado para rivalizar com as teorias tradicionais da competição. Porém, embora tenha fornecido explicações teóricas logicamente consistentes, a formulação da sua teoria da atividade empresarial não foi expressa por ele em abordagem matemática.<sup>6</sup> Essa reserva quanto ao linguajar comum do diálogo no *mainstream* econômico, pela modelagem matemática ou utilização de métodos empíricos, se deve à adesão de Kirzner aos princípios metodológicos da Escola Austríaca: individualismo e subjetivismo, que, em conjunto, impedem tanto admitir uma relação mecânica entre variáveis quanto realizar previsões pontuais (Kirzner, 1967, 1976). Porque, a partir desses dois princípios, respectivamente, a realidade econômica é considerada sujeita a uma série de contingências, e para a qual não há informações completas sobre o presente e o futuro.

Não há dúvidas de que Kirzner é um personagem importante para a Escola Austríaca. E algumas evidências sugerem que ele foi bem-sucedido em levar suas contribuições para além deste grupo.<sup>7</sup> O problema que este artigo busca responder é como Kirzner conseguiu a atenção da comunidade mais ampla dos economistas mesmo resistindo às abordagens que prevalecem no *mainstream*. O trabalho argumenta que pelo menos parte da resposta está no fato de Kirzner ter empregado elementos narrativos em sua obra, tornando a ilustração da teoria da atividade empresarial independente dos princípios metodológicos que lhe sustentam. O objetivo geral do artigo é mostrar como Kirzner usou narrativas convincentes para apresentar sua teoria. Em específico, o trabalho enquadra Kirzner como um “contador de histórias” por ter oferecido exemplos narrados para ilustrar sua proposição teórica no lugar de modelos formais.

Com base na discussão recente sobre narrativas, o artigo revisa alguns trabalhos de Kirzner e propõe interpretá-los com base na identificação de elementos narrativos. Para tanto, além de recuperar a teoria da atividade empresarial e seus princípios metodológicos, também são analisados alguns exemplos criados por Kirzner (1973, 2005).

Além desta introdução, o restante do artigo está dividido em quatro seções. A segunda seção revisa contribuições recentes sobre narrativas na ciência para identificar alguns elementos que as constituem. Na terceira seção é apresentada a economia de Kirzner a partir dos princípios metodológicos defendidos pelo autor e sua teoria da ação empresarial. A quarta seção analisa a presença de elementos narrativos nos exemplos mencionados. Na quinta e última seção são tecidas as considerações finais, defendendo que a utilização de elementos narrativos ajudou Kirzner a superar barreiras teóricas e metodológicas no diálogo com os economistas.

---

<sup>6</sup> Apesar de ter publicado um livro-texto de microeconomia com inspiração nas ideias austríacas, o “*Market Theory and the Price System*” de 1963, este material é anterior à primeira publicação de Kirzner sobre a ação empresarial, tema que surgiu no artigo “*Methodological Individualism, Market Equilibrium, and Market Process*” de 1967. Na grande maioria de seus trabalhos, Kirzner evitou até mesmo o uso de equações.

<sup>7</sup> No início dos anos 2000, Makowsky e Ostroy (2001) reformularam a teoria da competição perfeita para acomodar algumas propostas teóricas que consideraram críticas importantes àquele modelo, entre elas a da arbitragem de preços pelo empresário kirzneriano, aproximando Kirzner do *mainstream*. Em 2006, Kirzner recebeu junto com William Baumol o “*Global Award for Entrepreneurship Research*” pelos avanços na teoria econômica do empreendedorismo (fonte: <https://www.e-award.org/wp-content/uploads/Israel-M-Kirzner-Biography.pdf>). Em 2014, Kirzner teve seu nome novamente colocado junto ao de Baumol na predição aos favoritos ao Prêmio Nobel de economia daquele ano pelas contribuições para os estudos empresariais, mas isso não se concretizou (fonte: <https://www.washingtonpost.com/news/volokh-conspiracy/wp/2014/09/29/israel-kirzner-for-the-nobel-prize-in-economics/?noredirect=on>). Em 2018, Kirzner foi agraciado com o “*Distinguished Fellow*” pela “*History of Economics Society*” por suas contribuições para a história do pensamento econômico (fonte: [https://historyofeconomics.org/wp-content/uploads/2018/06/Kirzner\\_Distinguished-Fellow-1.pdf](https://historyofeconomics.org/wp-content/uploads/2018/06/Kirzner_Distinguished-Fellow-1.pdf)).

## 2. Narrativas na ciência

Nas ciências coexistem diversos modos de investigação científica. Ciências não históricas, como a física, comumente tem por base a explicação dos fenômenos a partir de leis e generalizações, enquanto as ciências históricas, como a biologia evolucionária, geralmente se valem de meios exploratórios, o que abre espaço para o uso de narrativas (Swaim, 2019). Se a ciência busca esclarecer sobre relações entre fenômenos e/ou coisas, as narrativas possuem caráter científico ao fornecer explicações para alguns problemas com que os cientistas se deparam (Morgan, 2017).

A narrativa é um formato específico usado para contar histórias, em que o narrador se apoia em algum ordenamento específico para juntar coisas já existentes de uma nova maneira ou revelar algo novo (Morgan e Norton, 2017). As narrativas exploram sequências lógicas, enfatizando as relações causais, objetivando explicar o porquê ou como as coisas acontecem (Morgan, 2017).

Logo, o método subjacente à construção narrativa é a ordenação de eventos particulares, ilustrando uma relação de causalidade que se explica pela própria narração (Morgan, 2017). O ordenamento tem fins didáticos, esclarece sobre o conteúdo com base no dinamismo dado pela sequência lógica do fenômeno, mas não depende do tempo real (Morgan e Norton, 2017). Assim, as narrativas fazem mais do que ordenar os eventos, ela os relaciona, e isso geralmente é feito estabelecendo relações de causalidade entre eles (Currie e Sterelny, 2017).

Uma narrativa é composta de componentes selecionados e da ordenação empregada para apresentá-los, e disso emerge a explicação para a relação entre eles (Morgan, 2017). Como a narrativa é formada por diferentes eventos, cada um deles é passível de ser enfatizado pelo narrador para ilustrar uma situação particular e destacar determinado mecanismo (Crasnow, 2017). Como reúne tanto os eventos narrados quanto as relações entre eles, a narrativa também possibilita a identificação de componentes correspondentes aos de outras narrativas, permitindo a extrapolação de uma situação particular para um caso geral (Morgan e Norton, 2017).

Mas, segundo Morgan (2017), para que uma narrativa seja capaz de oferecer lições para além da sua própria história é necessário que ela compreenda componentes conceituais, históricos ou abstratos suficientemente genéricos que possam ser aplicados a outros eventos. Porém, Morgan e Norton (2017) apontam que, embora as narrativas possam esclarecer sobre relações causais a partir da sequência lógica entre os componentes envolvidos, encontram limites quanto à possibilidade de realizar previsões. Mas isso pode ser amenizado pela adoção conjunta de um modelo, porque, como argumentam Currie e Sterelny (2017), as narrativas e modelos científicos podem se complementar para explicar uma sequência complexa de eventos.

A complementariedade entre narrativas e modelos é necessária, para Currie e Sterelny (2017), porque a reconstrução de eventos históricos pode se apoiar em dois tipos de estratégias durante a exposição. A primeira é utilizar um modelo formal como marco teórico para testar se os fatos analisados correspondem àquilo que era previsto a partir do conjunto de hipóteses. Como esses modelos são simplificações, excluem o que não estiver diretamente relacionado às ligações entre causa e efeito que se quer tratar. A segunda estratégia é a de recuperar os componentes envolvidos na história em análise por meio de narrativas, para destacar o contexto em questão e suas transformações. Como essa iniciativa amplia o número de eventos e suas relações, acaba aumentando o grau de complexidade na investigação.

As narrativas são especialmente úteis para explicar fenômenos em sistemas complexos, justamente onde uma teoria é incapaz de descrever a totalidade das relações existentes (Morgan e Norton, 2017). Modelos formais são importantes porque destacam as relações relevantes entre os eventos analisados, mas negligenciam a complexidade dos fenômenos envolvidos, tal que seu mérito repousa na generalidade do que propõem. Narrativas podem incorporar mais detalhes, enriquecendo o objeto de estudo ao custo de maior precisão quanto às relações mais relevantes, tal que seu valor fica relacionado à complexidade que é capaz de alcançar. Logo,

como modelos e narrativas enfatizam questões distintas, há aí um motivo para que sejam tomados de maneira complementar (Currie e Sterelny, 2017).

As ciências históricas são complexas, em parte por tratarem de resultados contingentes, dependentes da trajetória, porque há uma série de histórias candidatas a explicar o processo em análise, cada uma enfatizando diferentes evidências sobre os eventos. Isso faz dos mecanismos causais, que exploram relações de causa e consequência, determinantes na predominância de uma explicação narrativa (Swaim, 2019).

Para Crasnow (2017), as narrativas ajudam a realizar a função cognitiva de aumentar a compreensão sobre diferentes hipóteses que explicam um resultado, porque ilustram as relações dessas possibilidades com as evidências disponíveis. O contador de histórias então emprega a narrativa para tornar salientes os componentes que se deseja destacar para oferecer determinada coerência à história. Por isso sua sequência faz mais do que posicionar os eventos dentro da história, ela implica na causalidade da sucessão entre eles. Logo, uma narrativa depende do tempo lógico, independente do tempo histórico, porque os resultados discutidos não dependem apenas dos componentes da narrativa, mas principalmente de como elas os relaciona na forma em que está estruturada.

Enquanto história contada, a narrativa é um produto do “contador de histórias”, aquele que concebe os componentes selecionados dentro de uma estrutura que conduz a sequência dos eventos em uma direção específica até a conclusão, pela imposição de relações causais entre eles. Por isso, a principal função do narrador é configurar sua narrativa, tarefa que para Morgan (2017) é mais ampla que a de dar ordenamento aos componentes envolvidos, pela necessidade de fazer com que dessa reunião surja um sentido especial para o conjunto.<sup>8</sup> Esse processo de configuração quer que a história atenda a critérios como consistência, coerência, credibilidade e solução de desafios, embora a narrativa não precise abranger todos eles simultaneamente.

Como a narrativa é uma obra de um “contador de histórias”, Currie e Sterelny (2017) discutem se há uma rivalidade entre as histórias contadas e a ciência real. O contar histórias é definido como a construção de ligações imaginárias a respeito de eventos conhecidos, enquanto a ciência real é entendida como o conjunto já estabelecido acerca de relações entre componentes do passado. Portanto, a complementariedade entre ambas não só seria possível como também desejável, porque as “[...] narrative explanations add something methodologically central to the historical sciences, specifically, they complement formal models and quantitative techniques.” (Currie e Sterelny, 2017, 6). Essa perspectiva está alinhada à leitura de Morgan (2017), para quem o processo de configuração da narrativa precisa incluir elementos de alguma área científica para que a história revele a relação entre seus componentes.

De acordo com Beatty (2017), as narrativas são especiais porque destacam os eventos históricos à luz do contexto, condicionando seus resultados ao tempo e lugar em que ocorreram. Isso é importante porque as narrativas também podem discutir o que teria acontecido sob outro cenário, fazendo a discussão contrafactual dos desdobramentos em análise. Esta possibilidade enfatiza importância contextual dos eventos para além da lógica entre seus componentes, mas também revela que as narrativas podem ser empregadas no tratamento daquilo que poderia ter sido, sejam esses outros resultados conhecidos ou imaginados. Da mesma forma, para Morgan (2017), o processo de configuração de uma narrativa pode envolver casos fatuais ou fictícios. Ou seja, a narrativa não tem aplicação restrita aos fenômenos históricos, também pode especular sobre o que teria ocorrido sob uma situação distinta que tivesse levado a outros desdobramentos.

Com base nessa discussão sobre as narrativas, enquanto forma de explicação científica, é possível identificar elementos que aparecem em pelo menos dois dos trabalhos consultados. Cinco são sistematizados na Tabela 1 abaixo, observando aspectos que completam a frase “uma

---

<sup>8</sup> A configuração é um procedimento diferente de outras formas de explicação, como o modo teórico que envolve a descrição científica das relações, ou o modo categórico que divide os componentes analisados em classes de estruturas conceituais (Morgan, 2017).

narrativa pode ser...” a partir do material consultado. Logo, a presença desses elementos na explicação permite caracterizá-la como uma “narrativa” e seu proponente como “contador de histórias”.

**Tabela 1.** Elementos narrativos – uma narrativa pode ser:

Ilustrada por eventos reais ou fictícios que poderiam ter ocorrido – está no campo do factível, não do impossível	Morgan (2017); Beatty (2017)
Analisada de maneira exploratória	Morgan (2017); Swaim (2019)
Colocada de maneira logicamente ordenada	Morgan (2017); Crasnow (2017); Morgan e Norton (2017)
Dotada de mecanismos causais	Morgan (2017); Swaim (2019); Currie e Sterelny (2017); Crasnow (2017)
Adequada a sistemas complexos: permite generalização, mas com previsão limitada	Morgan (2017); Currie e Sterelny (2017); Morgan e Norton (2017)

Fonte: Elaboração própria a partir das informações da pesquisa.

### 3. A economia de Kirzner

De acordo com Boettke e Sautet (2015), organizadores do “*The Collected Works of Israel M. Kirzner*”, não é possível compreender a tese de Kirzner sobre a ação empresarial sem levar em conta a metodologia que permeia sua obra. Em especial, porque os autores apresentam a teoria kirzneriana como contraponto ao mecanicismo existente na economia moderna, o aceite de relações hidráulicas que resulta da ênfase exagerada que os economistas dão aos modelos matemáticos.

O que está sendo aqui denominado de “economia de Kirzner” é a concepção conjunta entre: (i) os princípios metodológicos austríacos definidos e defendidos por ele; e (ii) sua tese da função empresarial, apresentada como teoria austríaca para a competição (eg Kirzner, 2013). Ambos os pontos são centrais no pensamento econômico de Kirzner, e refletem sua insatisfação quanto à crença ilimitada dos economistas na abordagem matemática.

#### 3.1. Princípios metodológicos de Kirzner

A metodologia kirzneriana tem como base a adoção dois princípios: o individualismo e o subjetivismo (Boettke e Sautet, 2015). O individualismo assegura que o centro da análise econômica seja a tomada de decisão, de modo que todos os fenômenos econômicos possam ser remetidos às motivações individuais. O subjetivismo garante que a compreensão das decisões só possa ser completa para quem realiza a ação, porque esta é condicionada pelo conhecimento particular do agente. Para Boettke e Sautet (2015), a ênfase nesses aspectos metodológicos é importante por mostrar que os fenômenos econômicos só são inteligíveis a partir dos propósitos humanos, e não pelos resultados quantitativos oferecidos pelos modelos de equilíbrio.

A crítica kirzneriana à modelagem matemática na análise econômica pode ser deduzida da interpretação oferecida para a teoria neoclássica para a competição e sua ênfase no estado de equilíbrio. Segundo Kirzner (1967), essa teoria parte de um conjunto de suposições sobre o comportamento dos indivíduos para considerar o sistema econômico inicialmente equilibrado. Além de supor que o mercado esteja equilibrado a qualquer momento, também analisa quais são os resultados decorrente das mudanças nas condições iniciais – o novo ponto de equilíbrio.

Como o equilíbrio não é condição inicial em nenhum mercado, para Kirzner a análise econômica deve iniciar considerando uma da situação de desequilíbrio, para então explicar o padrão de ajustes que os agentes econômicos realizam a fim de atender seus próprios interesses. Nesta leitura, o equilíbrio é uma ferramenta teórica que permite à análise econômica contrastar

o que ocorre na realidade, o desequilíbrio, com a situação imaginada a partir das tendências econômicas, o equilíbrio (Kirzner, 1967).<sup>9</sup>

Essas diferenças teóricas ilustram duas interpretações distintas acerca de como funciona o mercado, a teoria neoclássica e a Austríaca, embora Kirzner (1967) afirme que elas compartilham algumas bases metodológicas: abordagens teóricas aprioristas, foco no indivíduo e busca por inferir os fenômenos resultantes da interação social. A diferença entre as duas visões estaria no fato de a primeira basear sua análise no *homo economicus*, já dotado de fins e meios para a decisão, enfatizando a otimização no processo de alocação dos recursos. Enquanto a segunda tradição pauta-se no *homo agens*, destacado por sua capacidade criativa para novos fins e meios.

O principal fator distintivo entre essas visões é a admissão da incerteza, aceita na teoria Austríaca que considera o mercado um processo, mas ignorada na teoria neoclássica que analisa a competição a partir do equilíbrio. O uso da incerteza na compreensão do mercado permite aceitar que um indivíduo introduza novidades na economia, ficando livre das amarras de fins e meios quaisquer lhe sejam predeterminados.

Para melhor definir a Escola Austríaca, Kirzner (1976) destacou duas questões centrais recorrentes nos trabalhos daqueles que seguem esta tradição do pensamento econômico: (i) considerar toda ação humana como propositada; e (ii) admitir a imprevisibilidade do resultado econômico, já que este está previamente indeterminado em razão das características humanas, tais como preferências, expectativas e conhecimento, cujas mudanças não antecipáveis ao longo do tempo implica em alterações imprevisíveis na tomada de decisão.

Na argumentação de Kirzner (1976), a observação do comportamento humano não é suficiente para aprender sobre ele, porque é incapaz de identificar a motivação do indivíduo, ou seja, o mecanismo causal que liga causas às consequências.<sup>10</sup> Já a junção entre individualismo e subjetivismo metodológicos superaria essa deficiência, não só por compreender os resultados observáveis, relacionar consequências a suas causas, mas também por incorporar a motivação do tomador de decisão.<sup>11</sup> Portanto, a análise econômica deve superar as barreiras impostas pelos aspectos quantitativos, seja de formalização ou de dados empíricos, na busca por compreender os resultados de mercado com base nas motivações individuais da tomada de decisão.

### 3.2. *Teoria da atividade empresarial*

Iniciando a análise econômica a partir de uma situação de desequilíbrio, Kirzner (1973) define todos os indivíduos como agentes auto interessados cuja participação no mercado está voltada a obtenção do maior ganho possível. Os participantes podem ser classificados em três funções não-excludentes entre si: consumidores, proprietários de recursos e empresários. Como o mercado é um processo de negociações com transações mútuas, cada agente está tentando ampliar seus ganhos à luz do que estão oferecendo.

---

<sup>9</sup> Para Kirzner (1967), a teoria tradicional oferece não só um ponto de vista positivo equivocado, mas também um normativo que se coloca como capaz de avaliar a eficiência do mercado. Essa interpretação entende o problema econômico como a alocação dos recursos na sociedade, quando na realidade a questão fundamental seria encontrar a melhor utilização para eles. Isso porque o conhecimento é incompleto, não está centralizado, de modo que não há como saber a disponibilidade desses recursos, quais e em que quantidade. Para além de um problema gerencial de informações, os economistas se deparam com um conhecimento falível: cada indivíduo enxerga de uma maneira os recursos e habilidades que tem à disposição (eg Hayek, 1948). Esse ponto será retomado na subseção 4.2.

<sup>10</sup> Como exemplo, Kirzner (1976) sugere que um marciano (enquanto observador externo) analisando as pessoas em uma estação de metrô vai verificar uma regularidade, e tirar disso uma lei observável, mas não será capaz de incorporar a ela os propósitos humanos que de fato explicam aquela relação – vai faltar explicar as motivações.

<sup>11</sup> “[...] The real world is more than the external world; the real world includes a whole range of matters beyond the scope of the measuring instruments of the econometrician. Economic science must be able to encompass this real.” (Kirzner, 1976, 7).

Os consumidores buscam adquirir um bem pelo menor preço possível, para ampliar a diferença entre o valor que lhes atribuem e o quanto pagam por ele. Os proprietários de recursos buscam vender um bem pelo maior preço possível, para ampliar a diferença entre o valor que lhes atribuem e o quanto recebem por ele. Os empresários, diferente das outras duas categorias, não possuem nada para oferecer ao mercado, o que torna sua realização independente da posse inicial de recursos. Com isso, a função do empresário é arbitrar preços: comprar algo de um proprietário e vender a um consumidor. Essa é uma transação que permite um lucro puro para o empresário, porque ele não está acrescentando nada de valor ao negócio, fazendo apenas sua intermediação (Kirzner, 1973).

A situação de desequilíbrio permite que no mercado prevaleçam diferentes preços para o mesmo bem, que se traduzem em oportunidades de lucros puros. Elas surgem porque as duas classes de agentes, consumidores e proprietários, não estão identificando as possibilidades que elas possuem de se atenderem mutuamente. Logo, esse é um caso de conhecimento imperfeito. Assim, a função empresarial é a de perceber lacunas entre disposições a pagar e vender dos compradores e proprietários que está implícita nessa assimetria de informações. Diferente das demais funções que dependem da posse de algum recurso prévio à transação, o que habilita o empresário a realizar sua função no mercado é seu “estado de alerta”, denominação dada por Kirzner (1973) a capacidade de identificar oportunidades de lucro puro.

Embora pareça simples a tarefa de transferir um recurso entre indivíduos, proprietário e comprador, essa é ilustração é usada por Kirzner (1973) para simplificar tudo o que uma transação pode envolver: compra de insumos, produção, publicidade, venda etc., ou seja, todas as tarefas que podem ser necessárias para colocar um bem à disposição do comprador, porque todas elas são recursos transferidos dos proprietários aos consumidores. Portanto, a complexa atividade empresarial envolve o reconhecimento de diferentes avaliações existentes no mercado para os mesmos recursos, e identificar as oportunidades em que o total dos seus custos seja menor que o total das receitas possíveis de se obter, para então aproveitar essas possibilidades.

Kirzner (1973) também deixou indicações de que o empresário obtém ganhos puros ao identificar e explorar oportunidades intertemporais. Porém, essa discussão foi menos enfatizada neste texto e foi melhor elaborada mais tarde, principalmente em um capítulo de livro publicado em 1982, como notam Korsgaard *et al.* (2016).<sup>12</sup> Se a função empresarial tem sua complexidade aumentada pela necessidade de o empresário considerar mais itens a serem transferidos para o consumidor com o processo produtivo, ela se torna ainda mais robusta quando Kirzner (1982) explora em maior profundidade seu caráter especulativo.

Embora Kirzner (1973) já tivesse admitido a situação de desequilíbrio como condição inicial para a análise econômica, foi em Kirzner (1982) que o aspecto da incerteza responsável por esse cenário recebeu maior elaboração. Neste material, a função empresarial foi discutida não apenas pela possibilidade de perceber oportunidades de lucro já existentes, mas também para aquelas que podem ser criadas.

A sofisticação da atividade empresarial em Kirzner (1982) deu maior ênfase à sequência temporal, abrindo duas possibilidades para o empresário: (i) comprar recursos em determinado momento para oferecer produtos no futuro, atendendo em momento posterior aos desejos já manifestados pelos consumidores no presente; e (ii) antecipar as preferências dos indivíduos no futuro, mesmo que as inovações introduzidas pelo empresários venham as lhes modificar, de modo que percebê-las no presente permite especular sobre lucros a serem ganhos. Como as preferências estão sujeitas a mudar, o empresário pode obter lucros puros se explorar seus palpites acertados sobre as preferências dos consumidores no futuro. Isso reforça o caráter

---

<sup>12</sup> Para Jakee e Spong (2003), a ênfase na arbitragem de preços foi um artifício necessário à luz do debate econômico nas décadas de 1960 e 1970 sobre a definição da racionalidade como princípio metodológico. Mas na década de 1980, como apresentam Vaughn (1994) e Barbieri (2008), a atenção de Kirzner foi direcionada à discussão interna da Escola Austríaca sobre a tendência ao equilíbrio na teoria do processo de mercado.



subjetivo do conhecimento, uma vez que o cenário econômico no presente é o mesmo para todos os participantes do mercado, mas está aberto a diferentes interpretações de acordo com os distintos graus de alerta empresarial entre os agentes.

Com a teoria sobre a ação empresarial, Kirzner avança para além da explicação austríaca do processo de mercado e denuncia a incompletude da tese neoclássica, identificando elementos que ela não aborda: as oportunidades de lucro puro e o caráter subjetivo do conhecimento. Esses fatores mostram que a compreensão do mercado, na perspectiva kirzneriana, depende da correta interpretação do que é a informação, que na teoria neoclássica é completa e objetiva. Na economia de Kirzner a informação é incompleta, de onde surgem as chances de lucro, e subjetiva, o que permite especulações distintas a partir dela.

#### **4. Kirzner como contador de histórias**

A teoria da atividade empresarial foi exposta originalmente por Kirzner em 1967, mas discutida em profundidade no seu principal livro, o *Competition and Entrepreneurship* de 1973. Em ambos os casos a tese kirzneriana não usou nenhuma formalização matemática, linguagem já predominante no diálogo acadêmico entre economistas da época. Klein (1975), resenhando o livro logo após sua publicação, já antecipava que as ideias kirznerianas encontrariam barreiras em função da forma de exposição e da metodologia da obra. Para Boettke e Sautet (2013), o livro teve pouco impacto sobre o *mainstream* justamente pela resistência dos economistas a argumentos não formalizados matematicamente.

É possível interpretar a economia de Kirzner como resposta à constatação colocada por Arrow (1959, 43) acerca do modelo de competição perfeita, onde “[e]ach individual participant in the economy is supposed to take prices as given and determine his choices as to purchases and sales accordingly; there is no one left over whose job it is to make a decision on price.”. Como a tese kirzneriana trata da função empresarial, personificada na figura do empresário que arbitra preços, especula e introduz novidades para concretizar o futuro que ele mesmo imagina, seria este o personagem responsável por mudar os preços no mercado.<sup>13</sup> Sua ação tanto produz como dissemina informações na economia, promovendo novas ações dos agentes econômicos.

Comprometido em traduzir essas ideias para o *mainstream*, Kirzner usou sua teoria para explicar como a competição empresarial leva a economia ao estado de equilíbrio, em contraste com a explicação da teoria neoclássica. Isso inclusive lhe rendeu a interpretação de ter tentado corrigir esta última e se aproximar dela, como em Vaughn (1994) e Foss e Klein (2010). Essa leitura se apoia no fato de que Kirzner narra em suas obras a sequência de eventos que as ações empresariais colocam em movimento, fazendo a situação de desequilíbrio se coordenar em direção ao estado de equilíbrio. Porém, como visto, o equilíbrio é um acessório em Kirzner e, portanto, a substância da sua teoria está na dinâmica que ele narra, o processo de mercado.

A economia de Kirzner e a forma com que foi exposta são importantes por dois motivos: (i) mostram que oportunidades de lucro manifestam o desequilíbrio econômico; e (ii) explicam como o mercado se coordena por meio do aprendizado dos agentes a partir da disseminação das informações. As duas próximas subseções exploram esses dois motivos, respectivamente, para mostrar como Kirzner utiliza elementos narrativos ao contar histórias que ilustram e promovem sua teoria da atividade empresarial.

##### *4.1. O debate sobre a sociedade anônima*

A discussão dos economistas acerca da relação entre posse das empresas e seus ganhos remonta pelo menos a Marshall (1890), com sua tese do “ciclo de vida” das firmas explicando

---

<sup>13</sup> “[...] By freeing microeconomic analysis from the constrictions of the equilibrium state, Austrian theory is able to recognize the speculative element in all individual decision making, and to incorporate the activity of the real world business man into a theoretical framework that provides understanding of the market process.” (Kirzner, 1997, 15)

diferentes propensões ao sucesso empresarial do fundador e dos familiares que o sucedem. Na visão marshalliana, somente a capacidade gerencial do primeiro é selecionada pelo mercado, porque lhe permitiu sobreviver à competição, enquanto seus sucessores precisam ser testados, já que só há garantia de herdarem a empresa, uma vez que o sucesso empresarial não é característica genética. Assim, crescimento e sobrevivência só estão assegurados para a firma enquanto ela estiver sob a gestão do seu fundador, cujas ações trazem ganhos para a empresa.

Essa discussão evoluiu ao longo do século XX, quando da introdução do administrador profissional para o gerenciamento das empresas, promovendo a separação entre posse e controle dos negócios. A administração científica tomou o lugar da intuição empresarial como padrão de comportamento gerencial, colocando responsabilidades de curto e longo prazo nas mãos dos administradores. Sobrevivência e crescimento da firma, então, se tornaram elementos decisivos nas decisões administrativas (Kaysen, 1957).

Conforme as empresas crescem e se tornam grandes corporações de capital aberto, fica difícil analisar se suas ações condizem com o comportamento de maximização de lucro para o longo prazo. Segundo Kaysen (1957), a dificuldade é acentuada tanto pela incerteza quanto ao futuro como pela ampla variedade de ações que os administradores podem tomar em relação a ele. Por isso, admitir qualquer escolha administrativa como “maximizadora de lucros de longo prazo” pode esbarrar elasticidade de ações abrangidas pelo próprio termo.

A possibilidade de administradores não adotarem posturas racionais do ponto de vista das empresas levou ao debate sobre quem se apropria dos ganhos nas firmas corporativas, já que elas são proprietárias de corporações conduzidas por terceiros. Principalmente porque se pode esperar que administradores busquem benefícios pessoais no controle da empresa, em detrimento dos objetivos almejados por seus proprietários (Peterson, 1965). Essa preocupação motivou um debate sobre a necessidade de intervenções nos mercados de títulos corporativos. Economistas *mainstream* procuram demonstrar que as forças econômicas acabam incentivando os administradores ao comportamento racional de maximização de lucros para as empresas. São usados aqui dois exemplos citados por Kirzner (1973), Williamson (1969) e Alchian (1969).

Para Williamson (1969), em geral, as corporações vão adotar o comportamento racional de maximizar os lucros porque estão sujeitas a dois fatores externos que as direcionam nesse sentido. O primeiro é a seleção natural pela competição de mercado, de onde só sobrevivem as empresas que tomam decisões competitivas, i.e. racionais. Porém, é possível que a firma tenha vantagens internas ou enfrente baixa concorrência, o que lhe permite agir de maneira diferente. Essa possibilidade coloca em cena o segundo fator de influência sobre as decisões, o mercado de capitais, que condiciona de duas formas as decisões administrativas: (i) oferece incentivos financeiros para que os administradores atendam aos objetivos dos proprietários; e (ii) realiza trocas no alto escalão administrativo da empresa até que os interesses dos proprietários sejam atendidos. Logo, os gestores das grandes corporações acabam adotando o comportamento que maximiza os lucros da empresa.<sup>14</sup>

Em Alchian (1969) há o reconhecimento de que a separação entre posse e controle nas grandes corporações favorece os administradores, sugerindo que os ganhos destes últimos serão tão maiores quanto menor for o controle dos proprietários. Porém, diferente do esperado pela relação principal-agente, esse resultado decorre da capacidade administrativa de quem controla a empresa. Como o mercado se dispõe a pagar mais pelos melhores gestores, seus salários ficam positivamente relacionados com a lucratividade da empresa sob sua gerência. Logo, também nessa ótica os administradores de grandes corporações vão se comportar como previsto na teoria da firma em modelo competitivo, maximizando o lucro da empresa.<sup>15</sup>

---

<sup>14</sup> Williamson (1969) utiliza um modelo de estabilidade sistêmica para mostrar como as iniciativas tomadas por acionistas geram um processo de aprendizado que disciplina a administração e promove esses resultados.

<sup>15</sup> Alchian (1969) admite que os salários dos administradores refletem suas reputações, indicando as expectativas quanto aos resultados que eles podem alcançar no comando das empresas.

Para Kirzner (1973), a dificuldade em categorizar quem se beneficia dos lucros oriundos da atividade empresarial na economia *mainstream* decorre da ênfase nos aspectos legais que constituem uma firma corporativa. Para ele, isso é adequadamente superado se a situação for observada em termos econômicos, separando os capitalistas (proprietários) dos empresários (os que ficam com os lucros). Assim é possível que na firma corporativa os capitalistas não sejam aqueles que ficam com os ganhos, quando os administradores atuam como empresários. Isso é ilustrado pelo exemplo dos caçadores.

Kirzner (1973) cria a história do mercado de carne que passa por um aumento de preços, o que incentiva a entrada de novos ofertantes, situação que pode ter diferentes resultados a depender das diferentes respostas dos potenciais entrantes. Embora originalmente não haja uma sistematização dos diferentes casos possíveis, isso é realizado aqui para facilitar a exposição.

No primeiro caso, o caçador “A” percebe que o aumento do preço da carne agora permite lucros puros, porque supera os custos envolvidos, aluguel da arma e o salário de um caçador (seu custo de oportunidade). Se a percepção de “A” o leva a caçar e isso lhe confere lucros puros, isso faz dele um empresário. Porém, como “A” não é dono de todos os insumos necessários para a caça, o mercado fica aberto a novos concorrentes, que são atraídos pela informação de que “A” está obtendo lucros puros. Com a entrada de novos agentes no mercado de carne, as receitas diminuem pela queda no preço resultante da maior quantidade, e os custos aumentam pela maior concorrência por insumos, o que leva à extinção do lucro puro neste mercado.

Um segundo caso repete o primeiro, mas com o acréscimo de que “A” tem seu estado de alerta mais aguçado que o dos competidores, percebendo um espaço melhor para realizar a caça, o que lhe permite maior quantidade de carne ao mesmo custo. “A” continua não sendo proprietário dos insumos necessários para esta atividade, e seus ganhos atraem concorrentes. Porém, embora os lucros de “A” sejam diminuídos, eles não são eliminados, porque agora parte resulta de só ele estar alerta para o “melhor espaço” de caça, e “A” continuará obtendo lucros empresariais. Esse diferencial em relação ao mercado não depende da posse prévia de algo, apenas do estado de alerta para a melhor oportunidade.

No terceiro caso, um indivíduo “A” não está mais alerta que seus concorrentes, apenas responde ao aumento dos preços da carne, mas contratando o caçador “B” para obter os lucros normais esperados dessa atividade. Porém, “B” tem conhecimento de caça igual aos demais caçadores, resultando que seu salário seja dado pelo mercado, mas ele tem um estado de alerta mais aguçado para identificar melhores espaços para a caça. Como “A” não foi mais alerta, e só por acaso contratou “B”, só perceberá a existência de lucros extras quando deduzir os custos das receitas. Esse excedente será eliminado pela concorrência por “B”, que irá aumentar o seu salário.

Porém, o resultado do terceiro caso depende do sistema de controle das ações de “A” sobre “B”. Se houver uma determinação de “A” sobre onde “B” deve realizar sua atividade, o estado de alerta de “B” não será explorado, e nenhum lucro empresarial seria obtido por “A”. Se “B” for deixado livre para caçar, sem orientações que o leve a procurar o melhor lugar para sua atividade, será só por acaso que “B” “se estabelecerá no melhor espaço para a caça e produzirá lucros puros para “A”. Por fim, se houver alguma orientação para que “B” procure produzir o máximo de caça possível, ele ainda receberá o salário regular do mercado, mas gerará lucros puros para “A”.

Um quarto caso, derivado do terceiro, considera aguçado o estado de alerta de “A” para perceber a maior habilidade de “B” em relação ao mercado, e isso também terá diferentes resultados a depender do estado de alerta de “B”. Se “B” aceita a contratação ao salário regular dos caçadores por não estar alerta a sua própria capacidade superior, isso trará lucros empresariais para “A” e fará deste um empresário. A situação persistirá até que a competição eleve o salário de “B”, eliminando o excedente. Se “B” reconhece sua própria habilidade e

percebe a oportunidade de lucros puros para ele, mas não abre seu próprio negócio de caça, então trabalhará para “A” e fará deste um empresário, porque “A” se apropriará dos lucros puros até que a concorrência os elimine. Porém, se o estado de alerta de “B” for aguçado e perceber oportunidades de ganhos sob o contrato com “A,” ao prejuízo dos lucros puros que este esperava obter, será “B” o empresário, porque ele obtém vantagens que se tornam inacessíveis a “A”, e que nem podem ser coibidas já que respeitam o contrato entre ambos. Isso ocorre porque “B” esteve mais alerta que “A”, e por isso é “B” é o empresário nessa situação, mesmo ele não tendo a iniciativa de constituir seu próprio negócio.

Com base na história dos caçadores, Kirzner (1973) adiciona um posicionamento quanto à possibilidade prevista no problema principal-agente de as empresas comandadas por terceiros não se comportarem para maximizar os lucros.<sup>16</sup> Na interpretação kirzneriana, sempre existirão tentativas de maximização de ganhos, basta que se identifique corretamente o empresário que está agindo para tanto, se os proprietários ou administradores.<sup>17</sup>

O exemplo dos caçadores criado por Kirzner (1973) para categorizar os agentes da firma corporativa contém todos os cinco elementos narrativos identificados na segunda seção, como pode ser visto na tabela 2 abaixo.

**Tabela 2.** Elementos narrativos no exemplo dos caçadores de Kirzner (1973).

Ilustrado por eventos reais ou fictícios que poderiam ter ocorrido – está no campo do factível, não do impossível	Kirzner está criando cenários fictícios como desdobramentos para um caso também fictício, mas todos eles factíveis, passíveis de ocorrer no mundo real
Analisado de maneira exploratória	Kirzner mostra que só é possível rastrear as causas do lucro do empresário “A”, ou “B”, ao seu estado de alerta
Colocado de maneira logicamente ordenada	Kirzner mostra que é a existência de um diferencial de preços (carne e custos da caça) que motiva a entrada de “A” no mercado, e que cada uma de suas possíveis ações podem gerar uma série de consequências diversas
Dotado de mecanismos causais	Kirzner ordena os acontecimentos de maneira lógica: o preço da carne aumenta, potenciais ofertantes reagem entrando no mercado... e o resultado, o lucro, depende de uma sucessão intermediária de etapas
Adequado a sistemas complexos: permite generalização, mas com previsão limitada	Existem vários elementos que podem incidir sobre os personagens “A” e “B” em suas decisões, mas Kirzner enfatiza o estado de alerta na percepção de lucros, mas não é possível garantir que eles vão ser identificados ou explorados

Fonte: Elaboração própria a partir das informações da pesquisa.

#### 4.2. A diferença entre informação e conhecimento

Em meados do século XX se consolidou o desafio de Hayek (1948) à teoria neoclássica, explicar como a sociedade alcança o estado de informação necessário ao equilíbrio econômico.

<sup>16</sup> A história também mostra que para Kirzner (1973) a atividade empresarial é independente da posse prévia de recursos, que a ação empresarial depende do par percepção-ação, e que a identificação do empresário é dada pela apropriação dos lucros. Como lucros puros são categorias analíticas criadas para fins teóricos, difíceis de identificar no mundo real, servem para Kirzner apontar que os proprietários não obtêm lucros apenas por terem a posse dos seus negócios, já isso os caracteriza como capitalistas, mas também é possível que tenham ganhos pelos resultados de suas ações direcionadas a lucros maiores lucros, o que os coloca como empresários.

<sup>17</sup> A possibilidade de que os administradores estejam maximizando seus ganhos ao custo do que era esperado pelos proprietários da empresa não diminui a importância da ação empresarial no mercado para Kirzner (1973). Nessa leitura, se os gestores tomam decisões em benefício próprio, mas que resultem em vantagens para os consumidores, isso garante a concorrência empresarial que beneficia a sobrevivência da empresa.

Na interpretação hayekiana, essa dificuldade foi deixada de lado pela admissão da hipótese de informação perfeita, com os economistas pressupondo justamente o que deveriam explicar. Isso porque, se cada indivíduo detém apenas uma parte do conhecimento existente na sociedade, e não sendo possível reuni-lo em um só lugar, o objeto de investigação econômica deveria ser como os indivíduos ampliam seu conhecimento, o que explica como suas ações vão se tornando cada vez mais complementares e economia mais coordenada. Isto ficou conhecido como o “problema do conhecimento” de Hayek.<sup>18</sup>

Os economistas se dedicaram para compreender o papel da informação nos mercados, dando origem ao ramo da Economia da Informação. Stigler (1961) foi um dos precursores da área, a quem também é possível que Kirzner (1973) estivesse respondendo em sua obra, até por tê-lo citado, já que ambos trataram de diferenciais de preço para um mesmo bem no mercado.

Aceitando que mesmo produtos homogêneos possam ter preços distintos, Stigler (1961) atribuiu a essa dispersão a um problema de informação: os indivíduos não sabem onde podem comprar por um preço menor ou vender por um preço maior. É possível que eles encontrem melhores oportunidades de negócio, desde que estejam dispostos a procurá-las, mas isso impõe um custo de busca. Com isso, a tarefa de pesquisar preços encontra limite quando seu retorno marginal esperado iguala o custo de realização da procura.<sup>19</sup>

Segundo Kirzner (1997), o campo da Economia da Informação promoveu avanços em relação ao tratamento econômico neoclássico para o conhecimento, ao discutir o conhecimento imperfeito no mercado a partir das assimetrias de informação. Porém, isso não foi suficiente para o *mainstream* lidar adequadamente com o conhecimento já que não incorporou a condição de incerteza na economia, base das críticas Austríacas aos modelos de competição neoclássicos.

A assimetria de informações não contempla a ignorância derivada da condição de incerteza, porque considera o conhecimento como um produto transacionável, com o indivíduo podendo escolher a quantidade ótima a ser adquirida. Só que disso resulta um problema lógico, implica afirmar que os indivíduos comprem algo por seu conteúdo, embora ele seja previamente desconhecido por eles. No exemplo de Stigler (1961), um agente está encerrando sua busca no exato ponto em que o retorno marginal esperado é igual ao custo de continuar procurando. Porém, se o que ele procura lhe é inerentemente desconhecido, não há como admitir que ele esteja encerrando sua busca no ponto ótimo – é possível que continuar a busca implique um resultado ainda melhor, não há como ele saber.

Para Kirzner (2005), a Economia da Informação assume informação completa em seus modelos, tornando os indivíduos conscientes da existência do conhecimento transacionado. Isso é ilustrado nas três mini histórias criadas por Kirzner (2005) para diferenciar informação de conhecimento. Na visão teórica do autor, isso é importante para destacar o caráter subjetivo do conhecimento, bem como a impossibilidade de a informação ser tratada como um produto.

Na primeira história, um professor pega um trem para apresentar uma palestra em outra universidade. Após a exposição, em meio a uma conversa com seus pares, ele percebe que pode alcançar a estação a tempo de pegar o próximo trem, ou então terá de esperar mais. Ciente de que tem em seu bolso as instruções para ir da universidade à estação, ele acredita conhecer o caminho, então não precisa se deter com isso. Porém, no trajeto acaba descobrindo que sua intuição estava errada, não encontrando sozinho a estação.

---

<sup>18</sup> Para Barbieri (2008), Horwitz (2010) e Boettke e Sautet (2013), a tese empresarial de Kirzner solucionou o problema hayekiano do conhecimento por explicar os determinantes das ações especulativas, que também aumentam e disseminam as informações no mercado.

<sup>19</sup> Stigler (1961) tratou a informação como um produto de mercado, com demanda e oferta. A demanda é realizada por aqueles que têm custos na procura de preços menores, ao passo que a oferta depende de quem oferece informações. Isso fica ilustrado pela propaganda, um meio dos ofertantes levarem conhecimento de seus produtos aos demandantes, ajudando a reduzir o diferencial de preços no mercado. Akerlof (1970), outro expoente da Economia da Informação, mostrou os efeitos da assimetria de informação situações como: seguros de saúde, mercado de trabalho para minorias, desonestidade e mercado de crédito nos países em desenvolvimento.

Na segunda história, uma mãe não consegue distrair seu filho em casa, porque ele não se contenta com nenhum de seus brinquedos. Um vendedor bate na sua porta oferecendo um brinquedo, que interessa à criança, pelo preço de \$ 5,00. A mãe compra e a criança fica ali distraída, satisfeita com seu presente. Porém, observando melhor, a mãe percebe que tinha à sua disposição todos os materiais necessários para confeccionar aquele brinquedo, que lhe custaram \$ 1,00 no total, bem como o conhecimento necessário para montá-lo.

Na terceira história, uma pessoa perde seu talão de cheques em um casamento, mas não se preocupa em procurá-lo porque sabe que quem encontrar verificará seu nome e irá dar um jeito de lhe entregar. Quando seu nome é chamado no sistema de som do evento, porém, o indivíduo se assusta, imediatamente imaginando uma emergência familiar suficientemente ruim para que chamem sua atenção daquela maneira. O efeito assustador, porém, dura apenas alguns segundos, porque o sujeito percebe que deve se tratar da devolução de seu talão de cheques.

Essas três mini histórias usadas por Kirzner como exemplos ilustram diferentes efeitos da informação sobre o conhecimento de que um indivíduo dispõe. No caso do professor, ele está consciente de que o conhecimento para a melhor tomada de decisão está disponível, mas em sua análise de custo-benefício, entre consultar ou não as instruções, entende que pode agir sem assumir os custos da consulta. Ele sabe que a informação existe e pode ser acessada. Essa possibilidade não existe na segunda história, porque a mãe em questão não está consciente de que pode transformar insumos disponíveis, a que atribui valor menor (\$ 1,00), na solução de seu problema imediato, a que atribui valor maior (\$ 5,00). Logo, embora a mãe tenha à disposição as informações, não é capaz de tirar delas um conhecimento ali existente, só visto a partir da sinalização oferecida pelo brinquedo pronto. A terceira história mostra como as outras duas histórias podem coexistir, com o indivíduo possuindo uma informação, a noção de que perdeu algo e que será procurado por isso, mas tomar ou não consciência dela em diferentes momentos.

Essas histórias são usadas por Kirzner (2005) para destacar que a informação não pode ser tratada como uma mercadoria, como faz a Economia da Informação, porque ela é um *input* na geração do conhecimento, um *output*. Porém, a teoria econômica tradicional considera que essa transformação se dá de maneira automática, enquanto na economia de Kirzner isso depende de um processo de aprendizagem.<sup>20</sup>

Por isso, Kirzner (2005) supera a divisão semântica entre os conceitos de informação e conhecimento para sugerir que os indivíduos se deparam com dois tipos de conhecimento: conhecimento-informação e conhecimento-ação. O primeiro trata do conhecimento que se pode acessar deliberadamente a partir de uma informação sabidamente disponível, como no caso do professor da primeira história. Já o conhecimento-ação só pode ocorrer espontaneamente, já que não se tem consciência prévia da sua existência, como no caso da mãe na segunda história. A diferença entre tipos de conhecimento reforça o caráter subjetivo da informação, ao mostrar que ela pode ser interpretada de maneira distinta pelos estados de alerta dos indivíduos.

Os exemplos criados por Kirzner (2005) para discutir os diferentes conhecimentos que os agentes acessam a partir das informações disponíveis também contemplam todos os elementos narrativos identificados na segunda seção, como pode ser visto na tabela 3.

---

<sup>20</sup> “Turning information into knowledge calls for the *learning* of that information, and for such learning “alertness” while perhaps necessary, is certainly not sufficient. But in turning information-knowledge into action-knowledge, alertness is necessary and sufficient. Alertness is the crucial bridge between the two kinds of knowledge.” (Kirzner, 2005, 226)

**Tabela 3.** Elementos narrativos nas mini histórias de Kirzner (2005).

Ilustradas por eventos reais ou fictícios que poderiam ter ocorrido – está no campo do factível, não do impossível	Kirzner está criando vários casos fictícios, mas todos factíveis, possíveis de ocorrer no mundo real
Analisadas de maneira exploratória	Kirzner mostra que só é possível compreender diferentes decisões e seus resultados procurando saber o conhecimento dos agentes ao momento de suas escolhas
Colocadas de maneira logicamente ordenada	Kirzner coloca que os resultados alcançados pelos indivíduos dependem de uma série de decisões próprias que eles tomam com base no conhecimento momentaneamente disponível
Dotadas de mecanismos causais	Kirzner considera que os indivíduos agem para obter maiores ganhos, mas que cada ação é condicionada pelo conhecimento que o estado de alerta permite, direcionando as escolhas individuais
Adequadas a sistemas complexos: permite generalização, mas com previsão limitada	Existem vários elementos que podem incidir sobre os agentes das histórias de Kirzner, mas é o conhecimento que é o principal determinante das escolhas, só que não é possível à observação externa consultar esse conhecimento, limitando as previsões

Fonte: Elaboração própria a partir das informações da pesquisa.

## 5. Considerações finais: elementos narrativos e a projeção das ideias de Kirzner

Kirzner ofereceu uma interpretação para o funcionamento da competição com base na Escola Austríaca. Sua teoria enfatizou o estado de alerta dos agentes, atributo de desempenho que é individualizado que permite duas realizações: aprendizado e identificação de oportunidades de lucro. Para tanto, a tese kirzneriana repousa em dois pilares metodológicos, o individualismo e o subjetivismo, mas isso a afasta do *mainstream* e dificulta o diálogo da economia de Kirzner.

A teoria Austríaca se pauta em aspectos teóricos, abstratos e independentes do contexto. Porém, sua aplicação para a compreensão de fenômenos econômicos requer informações acerca de condições reais. Logo, embora a economia seja uma ciência teórica para a Escola Austríaca, a análise econômica precisa descer ao nível histórico. O arcabouço teórico oferece a estrutura básica de relações econômicas, mas as situações particulares são condicionantes dos fenômenos econômicos, direcionando os resultados que são empiricamente verificados.

Se a razão é um atributo universal, capacidade humana invariável no tempo e no espaço, as narrativas se mostram vantajosas por tornar qualquer resultado inteligível aos cientistas, independentemente de suas inclinações teóricas, por lhes apresentar uma sequência ordenada de eventos relacionados a partir de mecanismos causais. Isso é especialmente útil à metodologia seguida por Kirzner, pautada no individualismo e subjetivismo, em que os eventos têm sentido à luz das informações acerca do contexto particular em que estão inseridas.

As narrativas apelam para a imaginação. Se apoiam na capacidade de a razão humana transformar uma descrição em uma projeção, de compreender um fenômeno a partir da sua discussão e deduzir suas consequências. No processo, são resgatadas tanto a introspecção, que ajuda a entender a motivação dos indivíduos envolvidos, quanto a dedução, que indica o que se pode esperar de consequência. Elementos que possibilitam a compreensão de um evento a partir da perspectiva de outrem e a antecipação de resultados prováveis.

A caracterização que Kirzner fez do determinante da atividade empresarial, o estado de alerta, foi feita de maneira narrativa. O atributo é pressuposto para todos os indivíduos, não pode ser modelado matematicamente, e é capaz de explicar, em retrospecto, diferentes graus de sucesso empresarial a partir dos lucros que os agentes alcançam na economia.

A fim de analisar a obra de Kirzner sob a ótica das narrativas, foram identificados cinco elementos narrativos: (1) ilustração a partir de eventos possíveis; (2) uso de análise exploratória; (3) ordenação lógica; (4) utilização de mecanismos causais; e (5) possível generalização, mas com limitações para previsões. Sua presença nos exemplos recuperados neste artigo, publicados com 32 anos de diferença, permitem classificar Kirzner como um contador de histórias.

Pelo mérito de explicitar mecanismos causais a qualquer audiência, a narrativa se mostra como uma poderosa ferramenta de diálogo da economia de Kirzner, principalmente por superar os critérios de validação científica aceitos no *mainstream*. Isso torna as narrativas especialmente úteis para as abordagens heterodoxas que admitem um amplo leque de métodos. Portanto, é possível afirmar que parte do reconhecimento conquistado por Kirzner ao longo da carreira é devido ao emprego de elementos narrativos que o ajudaram a ilustrar suas ideias.

## Referências

- Akerlof, G. (1970). The Market for "Lemons": Quality Uncertainty and the Market Mechanism. *The Quarterly Journal of Economics*, 84(3), 488-500.
- Alchian, A. A. (1969). Corporate Management and Property Rights. In Manne, H. G. (ed.). *Economic Policy and the Regulation of Corporate Securities*. (337-) Washington: American Enterprise Institute.
- Arrow, K. J. (1959). Toward a Theory of Price Adjustment. In Abramowitz, M. et al. (ed.). *The Allocation of Economic Resources* (41-51). Stanford: Stanford University Press.
- Barbieri, F. (2008). O Ressurgimento da Escola Austríaca e a Teoria do Processo de Mercado. *Revista Econômica*, 10(2), 215-235.
- Beatty, J. (2017). Narrative possibility and narrative explanation. *Studies in History and Philosophy of Science*, Part A, 62, 31-41.
- Boettke, P. J. (1995). Book Review of Israel M. Kirzner (ed.): *Classics in Austrian Economics*, 3 volumes, *The Freeman*, 45(2), 134-135.
- Boettke, P. J. e Sautet, F. E. (2009). Introduction to the Liberty Fund edition. In Boettke, P. J. e Sautet, F. E. (ed.). *The Collected Works of Israel M. Kirzner: The Economic Point of View* (Vol. 1, xi-xix). Indianapolis: Liberty Fund.
- Boettke, P. J. e Sautet, F. E. (2013). Introduction to the Liberty Fund edition. In Boettke, P. J. e Sautet, F. E. (ed.). *The Collected Works of Israel M. Kirzner: Competition and Entrepreneurship* (Vol. 4, ix-xiii). Indianapolis: Liberty Fund.
- Boettke, P. J. e Sautet, F. E. (2015). Introduction to the Liberty Fund edition. In Boettke, P. J. e Sautet, F. E. (ed.). *The Collected Works of Israel M. Kirzner: Austrian Subjectivism and the Emergence of Entrepreneurship* (Vol. 5, ix-xii). Indianapolis: Liberty Fund.
- Crasnow, S. Process tracing in political science: What's the story? *Studies in History and Philosophy of Science*, Part A, 62, 6-13.
- Currie, A. e Sterelny, K. (2017). In defence of story-telling. *Studies in History and Philosophy of Science*, Part A, 62, 14-21.
- Douhan, R., Eliasson, G. e Henrekson, M. (2007). Israel M. Kirzner: An outstanding Austrian contributor to the economics of entrepreneurship. *Small Business Economics*, 29(1-2), 213-223.



- Foss, N. J. e Klein, P. G. (2010). Alertness, Action, and the Antecedents of Entrepreneurship. *Journal of Private Enterprise*, 25(2), 145-164.
- Global Award For Entrepreneurship Research. Israel M. Kirzner's Career and Bibliography. Available in: <https://www.e-award.org/wp-content/uploads/Israel-M-Kirzner-Biography.pdf>. Acessado em: 03 jul. 2021.
- Hayek, F. A. (1948). *Individualism and Economic Order*. Chicago: Chicago University Press.
- History of Economics Society. 2018 Distinguished Fellow Award. Available in: [https://historyofeconomics.org/wp-content/uploads/2018/06/Kirzner\\_Distinguished-Fellow-1.pdf](https://historyofeconomics.org/wp-content/uploads/2018/06/Kirzner_Distinguished-Fellow-1.pdf). Acessado em: 03 jul. 21.
- Horwitz, S. (2010). Kirznerian Entrepreneurship as a Misesian Solution to a Hayekian Problem. *Journal of Private Enterprise*, 25(2), 97-103.
- Jakee, K. e Spong, H. (2003). Praxeology, entrepreneurship and the market process: A review of Kirzner's contribution. *Journal of the History of Economic Thought*, 25(4), 461-486.
- Journal Storage. <https://www.jstor.org/>. Acessado em: 03 jul. 21.
- Kaysen, C. (1957). The Social Significance of the Modern Corporation. *The American Economic Review*, 46(2), 311-319.
- Kirzner, I. M. (1963). Market Theory and the Price System. [2011]. In Boettke, P. J. e Sautet, F. E. (ed.). *The Collected Works of Israel M. Kirzner: Market Theory and the Price System* (Vol. 3, 1-352). Indianapolis: Liberty Fund.
- Kirzner, I. M. (1967). Methodological Individualism, Market Equilibrium and the Market Process. [2015]. In Boettke, P. J. e Sautet, F. E. (ed.). *The Collected Works of Israel M. Kirzner: Austrian Subjectivism and the Emergence of Entrepreneurship Theory* (Vol. 5, 175-189). Indianapolis: Liberty Fund.
- Kirzner, I. M. (1973). Competition and Entrepreneurship. [2013]. In Boettke, P. J; e Sautet, F. E. (ed.). *The Collected Works of Israel M. Kirzner: Competition and Entrepreneurship* (Vol. 4., 1-200). Indianapolis: Liberty Fund.
- Kirzner, I. M. (1976). On the method of Austrian Economics. [2015]. In Boettke, P. J. e Sautet, F. E. (ed.). *The Collected Works of Israel M. Kirzner: Austrian Subjectivism and the Emergence of Entrepreneurship* (Vol. 5, 1-10). Indianapolis: Liberty Fund.
- Kirzner, I. M. (1982). Uncertainty, Discovery, and Human Action: A Study of the Entrepreneurial Profile in the Misesian System. In Kirzner, I. M. (ed.). *Method, Process, and Austrian Economics* (139-159). Lexington: D. C. Heath and Company.
- Kirzner, I. M. (1997). Entrepreneurial discovery and the competitive market process: an Austrian approach. [2000]. In Kirzner, I. M. *The Driving Force of the Market: Essays in Austrian Economics* (3-40). London: Routledge.
- Kirzner, I. M. (2005). Information-Knowledge and Action-Knowledge. [2018]. In Boettke, P. J. e Sautet, F. E. (ed.). *The Collected Works of Israel M. Kirzner: Competition, Economic Planning, and the Knowledge Problem* (Vol. 7, 222-227). Carmel: Liberty Fund.

- Klein, B. (1975). [Book Review: *Competition and Entrepreneurship*, by Israel M. Kirzner (1973)]. *Journal of Political Economy*, 83(6), 1305-1309.
- Korsgaard, S., Berglund, H., Thrane, C. e Blenker, P. (2016). A tale of two Kirznerns: Time, uncertainty, and the “nature” of opportunities. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 40(4), 867-889.
- Makowski, L. e Ostroy, J. M. (2001). Perfect Competition and the Creativity of the Market. *Journal of Economic Literature*, XXXIX, 479-535.
- Marshall, A. (1890). *Principles of Economics*. [2013]. Hampshire: Palgrave Macmillan.
- Morgan, M. S. (2017). Narrative ordering and explanation. *Studies in History and Philosophy of Science*, Part A, 62, 86-97.
- Morgan, M. S. e Wise, M. Norton. (2017). Narrative science and narrative knowing. Introduction to special issue on narrative science. *Studies in History and Philosophy of Science*, Part A, 62, 1-5.
- Peterson, S. (1965). Corporate Control and Capitalism. *The Quarterly Journal of Economics*, 79(1), 1-24.
- Rizzo, M. J. (2002). Introduction. *Journal des Economistes et des Etudes Humaines*, 12(1), 3-10.
- Rizzo, M. J. (2014). In Honor of Israel M. Kirzner. *Review of Austrian Economics*, 1-3.
- Springer Link. <https://link.springer.com/>. Acessado em: 03 jul. 2021.
- Stigler, G. J. (1961). The Economics of Information. *Journal of Political Economy*, 69, 213-225.
- Swaim, D. G. (2019). The Roles of Possibility and Mechanism in Narrative Explanation. *Philosophy of Science*, 86(5), 858-868.
- The Washington Post. (2014). Israel Kirzner for the Nobel Prize in Economics? Available in: [https://www.washingtonpost.com/news/volokh-conspiracy/wp/2014/09/29/israel-kirzner-for-the-nobel-prize-in-economics/?noredirect=on&utm\\_term=.25231dbabefe](https://www.washingtonpost.com/news/volokh-conspiracy/wp/2014/09/29/israel-kirzner-for-the-nobel-prize-in-economics/?noredirect=on&utm_term=.25231dbabefe). Acessado em: 03 jul. 2021.
- Vaughn, K. I. (1994). *Austrian Economics in America: The Migration of a Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Williamson, O. E. (1969). Corporate Control and the Theory of the Firm. In Manne, H. G. (ed.). *Economic Policy and the Regulation of Corporate Securities*. (281-) Washington: American Enterprise Institute.